

Obras incompletas

Friedrich Nietzsche

Organização Gérard Lebrun
Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho
São Paulo: Editora 34, 2014

Eduardo Brandão | USP

Todo filósofo pode ser interpretado em vários sentidos. Mesmo aqueles que por vezes são tidos como mais sistemáticos, ou que têm uma obra considerada mais, digamos, uniforme: basta ler textos de comentadores para dar-se conta dessa variedade. Alguns autores, no entanto, parecem se prestar ainda mais a isso: pense-se no caso de um Schelling ou de um Adorno. Em se tratando de Nietzsche, no entanto, poderíamos dizer que essa avaliação se torna quase que necessária, uma vez que ela faz parte do próprio jogo que o filósofo estabelece com seu leitor: sua obra é um convite a essa alteração de pontos de vista, não só por assumi-la, mas pela própria forma em que os textos são compostos e avaliados pelo autor. Exploreemos um pouco como isso se dá.

São abundantes, na obra de Nietzsche, passagens que parecem se contradizer, ou que colocam pontos de vista diferentes sobre uma mesma questão, invertendo-a. E não é raro que o próprio Nietzsche chame a atenção sobre o estatuto dessas contraposições. Tome-se, nesse sentido, uma passagem exemplar, o §22 de *Para além de bem e mal*. Nesse texto, após criticar a concepção de natureza regular dos físicos, opondo a ela uma outra interpretação que aponta para a ausência de regularidade e leis na natureza – valendo-se da noção de vontade de potência – Nietzsche encerra o aforismo com estas palavras: “Suposto que também isto seja somente interpretação – e sereis bastante zelosos para fazer essa

objeção? –, ora, tanto melhor!” (trad. Rubens Rodrigues Torres Filho). Nesse aforismo, entra em questão não só a oposição entre duas interpretações opostas – a dos físicos e aquela de Nietzsche, baseada na noção de vontade de potência – mas o acento de que a posição que seria a do filósofo também pode ser visto como uma interpretação entre outras. Seja como se entenda isso¹, o fato é que o próprio Nietzsche coloca, em vários lugares de sua obra, indicações claras de que suas posições podem, e mesmo devem, ser avaliadas e consideradas como interpretações, não como verdades ou doutrinas estabelecidas incondicionalmente.

A obra de Nietzsche surge então como um convite a essa postura de leitura que, na percepção de perspectivas diferentes, tem de se haver com uma filosofia que em muitos momentos parece, por assim dizer, dar com uma mão e retirar com a outra: não é raro que se pense num instante estar de posse de um aspecto dela, para em outro perceber-se que aquilo que imaginávamos ter é problematizado sob outro ponto de vista. Expor suas ideias em aforismos, por exemplo, é uma atitude que corresponde a essa intenção: esse estilo permite sobremaneira a variação dos pontos de vista, dando mais liberdade para se dizer algo num momento, e noutro fazer afirmações que vão em direções diferentes. Isso torna a aproximação aos textos nietzschianos difícil: por onde começar? Talvez, justamente, não haja um começo definido; talvez estejamos diante de uma obra que permite sobremaneira, ou mesmo exige, que o leitor escolha seu ponto de partida e o seu percurso.

Se isso é válido – e me parece ser – é muito bem vinda a iniciativa da Editora 34 de republicar, com acréscimos, as *Obras incompletas* de Nietzsche que saíram décadas atrás na coleção *Os pensadores*. Além de outras qualidades que destacaremos a seguir, o livro representa também isso: trata-se de uma das melhores, se-

1 Veja-se, nesse sentido, o texto de Lebrun *Por que ler Nietzsche, hoje?* no volume das *Obras incompletas* de Nietzsche republicado pela Editora 34 ou no livro *Passeios ao léu* (Editora Brasiliense).

não a melhor, coletânea de textos de Nietzsche, notadamente as de Paulo César de Souza, publicadas pela Companhia das Letras na década de 1990, em língua portuguesa, que serve justamente como um caminho para que se inicie o contato com a obra do filósofo. Se hoje em dia já se encontram à disposição boas traduções de livros inteiros de Nietzsche, a seleção de textos dessas *Obras incompletas* permite ao leitor um contato, ainda que parcial, com o conjunto da sua produção filosófica. Desse modo, é possível contar, num mesmo volume, com textos iniciais de Nietzsche, escritos sobre influência de Wagner e Schopenhauer, e fragmentos póstumos que tratam do niilismo e do eterno retorno. Essa amplitude de temas, que por si só já é instigante, ganha importância e se torna referência na medida em que é concretizada por dois filósofos que dispensam apresentação: Gérard Lebrun e Rubens Rodrigues Torres Filho. A eles se junta Antônio Cândido, que assina o texto *O portador*, que surge ao fim do livro. “Uma conjugação absolutamente venturosa de leitores de espírito livre”, como escreve Márcio Suzuki no texto que apresenta a republicação da Editora 34, intitulado *Nietzsche e seus leitores*. Aí, o leitor poderá encontrar uma excelente contextualização da importância que cada um deles tem na coletânea reeditada e na consolidação de um espaço de pesquisa sobre Nietzsche, que se abre a partir do modo como se lê Nietzsche, da maneira como seus textos são traduzidos. Esse é um dos acréscimos que torna o livro ainda mais interessante, pois destaca o trabalho e a perspectiva de intelectuais fundamentais para o desenvolvimento das ciências humanas no Brasil. Por tocar em questões fundamentais, será inevitável a partir de agora tocar em pontos que Suzuki destaca em seu texto.

Gérard Lebrun seleciona os textos de Nietzsche presentes no livro. Uma nota sua, antes dos fragmentos sobre o eterno retorno e o niilismo, esclarece ao leitor qual foi sua intenção ao escolher os textos até esse ponto: “despertar no leitor o gosto por um autor que se queria extemporâneo” e “preservá-lo dos contrassensos estúpidos de que Nietzsche tanto sofreu (antissemita, pré-nazista,

etc.)". Essas duas orientações surgem nos textos selecionados: não por acaso, por exemplo, seleciona-se trecho do §251 de *Para além de bem e mal*, onde a posição de Nietzsche sobre os judeus é justamente matizada numa direção que se percebe que chamá-lo de antissemita é equivocada. O mesmo se pode dizer, a partir de outras passagens, sobre sua interpretação como pré-nazista. Tema, aliás, que aparece no texto de Antônio Cândido, que Rubens Rodrigues Torres Filho apresenta a partir de uma nota introdutória. Questões que surgem e se ampliam justamente na medida em que se toma Nietzsche sem levar em conta a diversidade das posições de seus textos, em lê-los de forma isolada, destacando certos fragmentos e esquecendo-se de outros. Em suma: quando se lê Nietzsche sem considerar aquela multiplicidade de pontos de vista que se anuncia em seus textos. O autor extemporâneo, que Lebrun consegue mostrar, constrói-se justamente a partir desse jogo. Mas as intenções de sua seleção traduzem, também, o modo como Lebrun lê Nietzsche. Num de seus textos sobre Nietzsche, *Além-do-homem e homem total*², logo no início, ele indica que pretende deixar o conceito de além-do-homem *operar*, ao invés de propor um comentário tradicional sobre ele. É isso que, também, a seleção de textos faz com o pensamento de Nietzsche: deixa-o operar, apresentar-se ao leitor na sua complexidade. E, com isso, consegue fazer com que o contato com seus escritos sirva como ocasião para que o leitor, com Nietzsche³ e contra ele, *suspeite*: acerca da razão, da modernidade, da moral, acerca do seu próprio pensamento. Aprender a suspeitar com Nietzsche: lembre-se, nessa direção, o *Averso da dialética* de Lebrun.

Lebrun sabe que Nietzsche não queria seguidores, e respeita isso. Não se deve ser nietzschiano, este seria um dos ensinamentos

2 In Lebrun, G., *A filosofia e sua história*. Org. Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Maria Lúcia M. O. Cacciola e Marta Kawano. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

3 Gérard Lebrun, *O avesso da dialética*. Hegel à luz de Nietzsche. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

a aprender com Zaratustra. Um aviso para evitar que se extraia de certas passagens selecionadas uma doutrina aparece claramente naquela nota sobre os fragmentos póstumos sobre o niilismo e o eterno retorno: Lebrun sugere ao leitor que justamente não faça isso com esses textos. Ele conhece as questões que envolvem esses fragmentos de Nietzsche, que vão desde a elaboração do livro *A vontade de potência* até o debate sobre o significado dessas palavras para o pensamento de Nietzsche: estaria nelas o verdadeiro sentido de sua filosofia? O que o filósofo faria com elas? Diante de tais perguntas, como não poderia deixar de ser, Lebrun posiciona-se da maneira como, a meu ver, lê Nietzsche: como dissemos, trata-se antes de se aprender a pensar com Nietzsche, a deixar suas ideias operarem. A republicação da Editora 34, no limite, põe em relevo para o leitor a postura que a nota de Lebrun aos fragmentos póstumos indica: não só pela apresentação de Márcio Suzuki – que destaca a questão da leitura de Nietzsche, mas também pelo texto de Lebrun que ela traz, *Por que ler Nietzsche, hoje?* Nele, pode-se perceber ainda mais claramente o modo como Lebrun propõe que se trabalhe com Nietzsche: por exemplo, seus conceitos são “grades hermenêuticas”; o alemão nos propõe uma “estratégia de interpretação”, não verdades ou doutrinas. A contracapa do livro também destaca a questão da leitura de Nietzsche. Assim, essa republicação, mais do que simplesmente retomar o volume de *Os pensadores*, chama decididamente a atenção para a importância em se refletir sobre o modo como se lê Nietzsche, ao oferecer ao público a possibilidade de ler Nietzsche pelo crivo daqueles que colaboraram para a confecção desse volume.

Tal foco encontra sua razão de ser por mais de um motivo. Há aquela já mencionada preocupação, digamos, circunstancial: tratava-se (e talvez sempre se trate) de evitar interpretações apresadas de Nietzsche, como anti-semita, pré-nazista, etc. Mas há um outro aspecto envolvido. Parece claro que sempre se deve refletir no modo como se lê um filósofo – e, mesmo, filosofia em geral. Mas, no caso de Nietzsche, tal preocupação é como que imposta:

ele tematizou e escreveu sobre isso de maneira explícita em sua obra. Lembre-se, nesse sentido, a posição de Zaratustra sobre seus possíveis discípulos, as passagens em que Nietzsche se declara extemporâneo, os momentos em que diz escrever para leitores do futuro, os trechos em que diz não querer seguidores... Por outro lado, a maneira como o filósofo lidou com a republicação de alguns de seus livros, sem alterá-los, mas acrescentando prefácios a eles (como foi o caso de várias obras) mostra a importância que ele dava para o momento de cada produção, para o contexto em que cada ideia foi produzida: não se trata nunca de modificá-los, mas de no máximo advertir o leitor sobre o que estava em jogo quando tal ou qual livro foi escrito. A leitura, para Nietzsche, se torna importante não só porque permite ao leitor que conheça o que o autor tem a propor mas, no caso dele, porque possibilita o reconhecimento de um *percurso*. Não será então por acaso que essa preocupação com a questão da leitura como que culmine num livro como *Ecce homo*, em que Nietzsche, entre outras coisas, instrui os leitores sobre o modo como sua obra deve ser lida e como seu percurso deve ser percebido. Ou seja, quando Nietzsche pede que não o confundam, quando clama por compreensão, é o chamado por leitores que possam fazer isso que ecoa. Nesse sentido, a questão da leitura é uma questão nietzschiana por excelência, e também por esse motivo a republicação da Editora 34 acerta em colocá-la em primeiro plano.

Além desses aspectos, a tradução é outro fator crucial para a relevância do livro. É redundante falar da qualidade e da importância das traduções de Rubens Rodrigues Torres Filho para o cenário filosófico nacional. Tanto por sua precisão como por sua elegância elas têm um papel fundamental no esforço de formação de uma espécie de vocabulário em português que sirva de referência para traduções de textos alemães. Isso se dá, em se tratando de Nietzsche, em pelo menos dois momentos. Por exemplo, a expressão *Wille zur Macht* é traduzida, no Brasil, pelo menos de duas formas: vontade de poder e vontade de potência. Elas não

são equivalentes, e a opção por uma delas vem de posturas interpretativas. Torres Filho, na sua tradução dos textos de Nietzsche, utilizou a segunda formulação, ou seja, vontade de potência. Ao fazer isso, tornou-se uma referência para se pensar qual versão é mais indicada. Um outro caso é tradução da palavra *Übermensch*. A expressão *além-do-homem* escolhida por ele como tradução do termo alemão é um verdadeiro achado. Não só por evitar confusões que outras traduções mais, digamos, literais poderiam engendrar (pense-se, por exemplo, na versão possível *super-homem*) mas também pela riqueza da análise que está envolvida na opção de Torres Filho, que pode ser percebida na nota apresentada no trecho traduzido do §9 do prefácio de *Assim falou Zaratustra*. As notas da sua tradução, aliás, merecem um destaque especial, não só por esclarecerem algumas das opções tomadas, mas por testemunharem o elaborado trabalho que Torres Filho realiza: tradutor, professor e poeta, ele atesta o quanto uma boa tradução exige não só conhecimento profundo das línguas envolvidas no processo, mas também análises que envolvem questões variadas, por exemplo, de ordem etimológica ou histórica. Nesse sentido, podemos dizer, também inspirados em Márcio Suzuki, que Torres Filho é um leitor refinado de Nietzsche – o que se percebe tanto por seus textos (*A virtus dormitiva* de Kant, a que se refere Suzuki, é uma das interpretações mais instigantes de Nietzsche) quanto por suas traduções⁴.

Quanto ao conteúdo propriamente dito, o leitor encontrará no livro, como já dissemos, uma gama enorme de momentos e temas da obra de Nietzsche. Um filósofo que não poupou críticas: à metafísica, à moral, à modernidade, ao romantismo, aos

4 Refinamento que, no entanto, em um momento (não notamos outro) da republicação da Editora 34, talvez tenha ficado comprometido: o título em alemão do texto de *Assim falou Zaratustra*, *Von tausend und Einem Ziele*, que nas edições de *Os pensadores* aparece grafado *Dos mil e Um alvos*, na diagramação da republicação da editora 34 surge como *DOS MIL E UM ALVOS* – talvez a sutileza do título e sua percepção na tradução tenham ficado escondidas no título em letras maiúsculas da republicação.

alemães – toda a verve corrosiva de seus textos pode ser percebida nessa coletânea. Mas não só isso: seu perspectivismo, sua análise da linguagem, seu experimentalismo, noções como valor, vontade de potência, eterno retorno, niilismo também serão encontrados aí. Mas como em quase toda seleção, é inevitável que se deixe de fora outros textos também importantes: mas esse não é um limite exclusivo do livro em questão. No máximo, podemos lamentar o fato de que não foram selecionados e traduzidos ainda mais trechos, diante da qualidade dos resultados.

Enfim, a iniciativa da Editora 34 deve ser saudada. Essas *Obras incompletas* de Nietzsche da coleção *Os pensadores* são uma espécie de documento. Tanto pela seleção de textos do filósofo por Gérard Lebrun, quanto pela tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, quanto pelo ensaio de Antonio Cândido, o livro representa um marco nos estudos sobre Nietzsche no Brasil. Se hoje a pesquisa sobre o filósofo está estabelecida e reconhecida internacionalmente, talvez em 1974 (ano da primeira edição das *Obras* na coleção) o quadro não fosse exatamente esse. Dá a importância de resgatar uma realização que tem muito de pioneira, que auxiliou e ainda ajuda muitos pesquisadores a estudar o pensamento de Nietzsche. E mesmo para o público que não é especialista, essa coletânea tem um valor inestimável pois constitui, como já sugerimos, talvez a melhor e mais importante introdução aos textos e ideias do filósofo. A maioria das razões aqui apresentadas para elogiar a empreitada da Editora 34 são, vale observar, reconhecidas naquilo que no livro apresenta-o ao leitor: seja no texto de Márcio Suzuki, seja na orelha ou na contracapa. O que mostra que a decisão de republicar as *Obras incompletas* não se deve a uma mera escolha mercadológica (afinal, Nietzsche parece ser um filósofo que vende muito, como observa Márcio Suzuki) mas a uma percepção de que se trata nesse caso de uma espécie de momento da filosofia no Brasil que merece ser preservado, lembrado e apresentado àqueles que não o conhecem.